ENTREVISTA AO MESTRE PEDRO CORREIA, CONGOS DE CALÇOLA DA VILA DE PONTA NEGRA (NATAL, RN)[1]

Interview With Master Pedro Correia, Congos De Calçola From Vila De Ponta Negra (Natal, RN)

Mestre Pedro Correia[2]
Federico Sanguinetti[3]
Ranah Duarte[4]
Daniel Fernandes[5]
Itaiara Iza Simplício da Silva[6]
Mestre Gláucio Teixeira[7]

RESUMO

Entrevista ao Mestre Pedro Correia.

Palavras-chave: Filosofia. Cultura popular. Congos de Calçola. Vila de Ponta Negra (Natal – RN).

ABSTRACT

Interview with Mestre Pedro Correia.

Key-words: Philosophy. Popular culture. Congos de Calçola. Village of Ponta Negra (Natal - RN).

ENTREVISTA

FEDERICO: [00:00:00] Vamos lá... Eu posso começar? Beleza... Então vamos começando aí pelas perguntas um pouco mais gerais. Se você pode nos contar qual é a origem histórica do grupo dos Congos de Calçola, da Vila.

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:00:15] Sim... Os Congos de Calçola da Vila de Ponta Negra é de origem africana... é da história da rainha Ginga, que era contra a escravidão e do rei Henrique Escariongo. Aí quando

[1] https://doi.org/10.51359/2357-9986.2023.259996
[2] E-mail: lobedaost85@gmail.com.
[3] Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: sanfede@hotmail.it. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2065-500X.
[4] Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: ranah.d@hotmail.com
[5] Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: silvafernandesdaniel@-hotmail.com
[6] Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: itaiara.iza@gmail.com
[7] E-mail: glauciopedubreu@yahoo.com.br.

chegou aqui no Brasil, quando chegaram aqui no Brasil de escravo... e era, vinha de Angola, né?.. e vinha também da República do Congo, também... muitos escravo... eles... o que que eles fazia? A diversão dele? Era formar a cultura dele. Aí ficou o nome "Congos". "Congo": como é que vem? Vamos congar, vamos dançar... Mesmo com o sofrimento deles (ele era escravizado) mas não queria deixar a sua cultura para trás. Esse foi o objetivo dos escravo. Aí quando chegou aqui no Nordeste, provavelmente em 1740, em Recife, os primeiros escravo... e muitos pensavam que, como Ponta Negra ficava a 25km de Natal[1]... mas não foi dessa, de Natal, que veio pra Ponta Negra. Os Congo, ele veio de Recife até chegar em Natal, passando por Ponta Negra. As histórias dos negro é esse. Isso porque Natal não tem um... assim, não tem... uma prova concreta, como teve muito negro... Teve índio, muito índio, como em Canguaretama. Mas negro mêmo[2] escravo, teve pouco. Eles vieram pra cá refugiado... ele vinha de Recife para cá refugiado. Passaram em Canguaretama, por aí... aí Cunhaú, atrás daquelas aldeias e até chegarem aqui um pouco distante da cidade, porque ele não podia se aproximar da cidade. Não podia, porque ele pensava que ia sofrer a mesma coisa.

Quando eu era pequeno, aqui na Vila tinha aproximadamente duzentas casa. Mas tinha muita manifestação cultural, como os Congo, o Boi e o Coco de roda, né? O Bambelô... que era aquela tradição que era de escravo, né? E tinha também negro também. Porque quando os escravo vinha, ele... ele também recebia a orientação que era comandado pelos portuguese, né... "Eu quero dominar não só aqui no Brasil, mas lá em Congo, como lá em Angola"... lá também os portugueses é que mandavam. Vendia junto com o rei de Congo... o rei de Congo... E a rainha Ginga era contra esse tráfico de escravos que tinha em Angola.

[1] É aqui colocada a hipótese de que os Congos tenham chegado de Natal para Ponta Negra. Esta hipótese é descartada em seguida.

[2] Mesmo.

[Foto 02 - Mestre Pedro Correia e a Vila de Ponta Negra - créditos: Davi Revoredo e projeto "Curta os Congos"]

FEDERICO: [00:02:58] Obrigado. Quais foram os seus mestres no grupo?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:03:03], Meu pai ( ) ele nasceu em 1906, meu pai... Mas logo, quando chegou a dezoito ano, ele já era mestre já... Ele foi até em '84.

RANAH: [00:03:16] Ele foi o primeiro mestre?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:03:18] Não! Foi o primeiro mestre, o mestre da geração Correia. Mas eles tinha mestre. Meu pai aprendeu com os ancestrais. Aí ele se tornou-se mestre aos dezoito ano. Depois de quando ele dominou como mestre até em '84. Depois da morte dele, ficou com meu irmão, que era uma hierarquia, mais velho do que eu... Aí ele ficou como mestre, né? Que ele, meu pai, passou essa... passou essa história para os filho, né... porque ele tinha medo de que um dia podia se acabar, e como pode... dar na beira do abismo. A cultura popular, não só os Congo, mái[3] está na beira do abismo. Aí meu pai orientava o filho como era. E depois da morte do meu pai foi meu irmão Zé Correia, até 2009. Morreu e ficou eu aqui, administrando.

[3] Mais.

Porque o grupo, a cultura de Ponta Negra, o grupo dos Congo, ele pode ser hoje e amanhã não... depende da semente que estão plantando, né? Isso não é só os Congo, mas outros manifestação cultural – já falei pra você – e aos poucos vão se acabando, porque hoje a juventude ela não tem o início da história da cultura popular. Mesmo até lá na escola você vê que não existe mais isso.

Mas quando nós era pequeno, não só os mestre (que era uma coisa informal, o mestre), mái nessa escola já ensinava. Todas as escola tinha um Pastoril, todas as escolas... um Pastoril de criança... já pra levar a essa cultura. E hoje as escola não tem mais disso, né? A escola hoje não querem mais saber quem é... quem eram os escravo. Quando antigamente, o que é que eu fazia? Quando eu era pequeno, eu via um negro apanhando (isso no desenho) e eu ficava assim: "Mas um negro apanhando?" Ele foi escravo... na época do Brasil Império. Aí eu ficava assim... Dali que fiquei pensando "Meu Deus do céu! Um negro apanhando?" Sabe aquele desenho que fazia um negro, um negro com aquele negócio no pé, estranho? E eu ficava doente quando via aquele, aquele ali... Eu digo "Meu Pai, não pode ser!" Quando eu cheguei aqui, que cheguei a ser mestre... Porque meu pai falava em rainha Ginga... "Quem é a rainha Ginga?" Quem era? Eu fui pensar quem era rainha Ginga... Eles dançavam porque ele não tinha... era em formato de boca. Eu fui pesquisar quem era a rainha Ginga. Que existiu, e ainda existe a estátua lá em Angola.

E isso ( ) óia[4]... fiquei triste com isso. Porque a rainha Ginga ela era contra os escravos. Todo mundo é contra os escravo, né? Só não a burguesia naquele tempo, porque era, era a matéria prima para os rico... O escravo trabalha de graça e ele não pagava a ninguém. Era matéria-prima... Todo mundo sabe isso dos escravo, não só aqui no Brasil, mas nos país do mundo inteiro, os escravo era matéria prima. Era como se fosse um objeto, um papelão. E isso me entristeceu. E me entristeceu também pela maneira na cultura popular, e que o povo não sabe ainda, como foi a maneira que o Brasil também se tornou-se república. Eu sou a favor da República, da maneira como foi. E aí eu fiquei me comovido como Dom Pedro passou... Dom Pedro passou quase 60 anos no poder e foi expulso do Brasil sem ter o direito

[4] Olha.

nem despedir da família, nem do povo brasileiro. E isso foi uma coisa que me convenceu[5] demais. Sem ter direito a uma casa de morar, quer dizer, sendo brasileiro, brasileiro, e não teve direito... nada... foi morrer lá na França. ( ) Eu gosto de história, né? E a cultura popular tá dentro de mim, no meu sonho. E por isso que me comoveu muito, demais, essas histórias da cultura popular, da maneira como o Brasil era. E até hoje eu sou contra também... como que é... o poder, né? A República, ela tem que ter seus direitos e deveres também, né? Mas numa república como foi o Brasil... como ela foi, se fosse hoje, muita gente talvez morria. Pode tomar um poder, pode tomar. Mas que ele podia ter ganhado ao menos uma casa onde morar e se despedir do povo brasileiro. A história do Brasil, quero dizer, desde como foi dos escravos até chegar depois que a escravidão acabou, mas a escravidão ainda continua ainda aqui e acolá, não só em nosso país, mas em muitos pais aí, a escravidão continua ainda o seu direito, pelo menos de viver e de saúde, como o povo brasileiro não tem…

DANIEL: [00:08:18] Mestre, para fim de registro, você poderia falar o nome, o nome dessa geração que você fala, do seu pai, do seu irmão seu? E você sabe o nome dessa pessoa que passou a brincadeira pro seu pai?

MESTRE PEDRO CORREIA [00:08:32] Não, não sei não. Eu disse não, porque realmente eu era muito pequeno e ele não, não contou à gente, não falava.

LETÍCIA: Nem se era um vizinho? Uma pessoa próxima, assim?

[5] Comoveu.

[Foto 03 - Mestre Pedro Correia e Dona Elena, personificando a Rainha Ginga - créditos: Davi Revoredo e projeto "Curta os Congos"]

MESTRE PEDRO CORREIA: Era... era comunidade. A comunidade de Ponta Negra, ela sempre foi bem unida, só que agora existe um 10%... Ponta Negra era unida desde o nascimento até a morte. Todo mundo. Então todo mundo compartilhava com aquilo ali... A alegria do que era... Nós passava fome. Eu passei muita fome e eu passei... difícil também, foi difícil... mas o que alegrava para a gente é quando eles juntavam à noite para contar suas história, suas lenda e a igreja também, todo mundo, a igreja... E levavam lá,

à igreja, para fazer as suas crença, né... E isso ajudou muito a se alegrar. Nós passemo fome, mas o que minimizava a fome era a nossa cultura, a nossa história... era o que minimizava. Se não fosse isso, talvez nós tivesse morrido tudo. Porque Ponta Negra era histórico. Era pequena, pouca casa... Mas ( ) ela vivia de dança, de lenda, história... É a história da – como é? – da Caipora, a história do Boitatá, era Papafigo, Lobisomen... E isso aí que comovia a gente, comovia... E hoje uma criança com cinco anos não comove não, porque não vê a história como antigamente, que acabava comovido. Antigamente nos comovia aquela história e nós passava também essa história de Lobisomem, Papafigo... Ora... ia crescendo e enchendo a comunidade. E também tinha as dança que era para animar os festejo, etc, etc.

FEDERICO: [00:10:29] E, assim, você estava falando que... que antes, né, a cultura popular era presente nas escolas, né? E se você poderia nos dizer como é que você percebe essa relação entre a brincadeira, a cultura popular e a educação.

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:10:48] Muito bem... a educação... Porque procê[6] ter uma ideia – só para ter uma ideia... –, hoje a Igreja, ela... as Igreja, né?... não falamos só nas protestante... se você colocar numa escola, na escola tem que ter muito carinho, muito cuidado, porque muitos também de outra religião não vai aceitar... Esse que é um dos pilares: não ofender a ninguém... Mas que hoje a cultura popular... diferente de como antigamente... a cultura popular não tem inimigo, não tinha guerra, não tinha nada... Quero dizer, todo mundo era amigo. Nós que estamos reunido aqui hoje tudo somo pessoa boa... pouca... mas conhece, conhece a história e nós... óia... nós somos, digamo, dez pessoa; para mil pessoa é pouca gente, mas pouco de certa forma, é um universo, porque nós somos fortes... Não tinha briga, não tinha droga, não tinha nada... a cultura não tinha nada disso... né? Como é que pode, como é que pode nós condenar a cultura popular? E a escola [onde] nós aprendemo – eu aprendi que nas escola também – e hoje não fez mal a mim... não fez mal a mim...

[6] Para você.

Muito dizem que os jovens, hein?... (vocês são jovens)... o tempo... o tempo... transformando o jovem... Não, não, que eu fui... o tempo que era antigamente ainda existe o tempo... as coisa daquele tempo. O negócio e a sua espiritualidade que mudou na cabeça do jovem. Mas o tempo é o mesmo... é inverno, primavera e otono... E! Ehehehe... é uma coisa... ainda é... ehehehe, ainda passo por esse processo!

FEDERICO: [00:12:46] Tá certo. E qual é a relação entre a brincadeira... Você falou de espiritualidade. Tem uma relação também que envolve esse aspecto na brincadeira dos Congos, etc.?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:13:01] Brincadeira do Congo, como também no Boi de Reis, também... Porque quando você tem essa espiritualidade... porque o negro, ele tem a sua crença com Nossa Senhora do Rosário... Então a Santa do Rosário, São Benedito, é... Santa Efigênia... tem essa... E os protestante, eles não gostam dessa... de um falar em Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, que era de lá de Ouro Preto, né? São Benedito que é um negro lá... que ele foi... da Itália, né? O pai dele mudou-se de lá, do Congo e foi para Itália, né? Ele foi ser cozinheiro... a história todinha... Pra isso precisa também que a mãe Igreja conheça a história... não é dizer que não tá gostando, mas sem conhecer a história... Nós não tamo num cortejo, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora do Rosário não... Não só isso não... Nos estamos festejando a história do país... Agora, 7 de Setembro, quando você vai desfilar.. no dia do Pedro da República daqui de Novembro... de 15 Novembro... A República passou, hoje estamos comemorando a República ainda todos os ano... É... fica na história... E você faz uma manifestação dessa cultural, com a espiritualidade de Santa Efigênia, São Benedito, Santo Antônio, ôto[7]... isso não quer dizer que você é católico, não, você aprende a sua história como ela foi, como ela era antigamente... e aos pouco tempo vai se acabando, porque eles não estão querendo isso. Eles pegam as criança logo dizendo que isso é muito demoniado, e aí transforma a criança. Por que não transformou eu, né? Eu cada vez mais eu

[7] Outro.

vou amanhã, outro dia e iá tô... quero saber mais do que hoje para passar e transformar essa história para as futuras gerações.

RANAH: [00:15:08] Daniel tinha perguntado dos nomes, não é?

DANIEL: [00:15:11] Seria interessante os nomes e as datas que eles se mestraram – se o senhor lembrar, né?

MESTRE PEDRO CORREIO: [00:15:16] Né? Meu irmão, meu irmão... meu pai é Sebastião Francisco Correia. Na geração Correia, administrando dos Congos desde 1920, aproximadamente, Sebastião Francisco Correia, que é meu pai. Depois quando meu pai morreu, foi José dos Santos Correia... Mestre Correia... E hoje é Pedro dos Santos Correia, da geração Correia. Porque se não fosse também essa geração Correia, como eu estou aqui, os Congos já tinham se acabado, graças ao que meu pai plantou – e plantou bem plantado.

RANAH: [00:15:57] Você acha, assim, que se tivesse alguém para dar continuidade aos Congos depois do senhor...

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:16:06] Porque... nós já estamos com o passaporte já para ir. Isso é evidente. Não vou ficar triste porque um dia eu vou morrer, ficá triste porque eu vou embora... e eu posso ficar vivo, um infinito desse, muitas vida que tem... e amanhã, a futura geração, vai se acabar essa história, né? Eu, por minha parte, já fiz. Nossa parte estamos fazendo né? Agora, quando ninguém ficar, vai ficar... vai ficar esquecido... como um livro, eu falei, Escreve um livro e fecha ele sem ( ) que ninguém lê. Ninguém lê... sem ler a história. Isso vai acontecer.

RANAH: [00:16:48] O senhor acha que Dão[8] seria uma pessoa que daria continuidade?

[8] João Bosco dos Santos Correia, sobrinho de M.e Pedro Correia.

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:16:51]. Dão, daria... Era só que ele, ele... Transformou-se. Na família dele 90% é sobrinho meu, as tias dele... é crente. E os crente não gosta de cultura popular. Os crentes nenhum gosta de cultura popular. Você tira pelo... um bom dia, boa tarde. Quando encontra com você te diz "bom dia".. quando encontra outro crente vai ser "irmão". Já é uma diferença que ele faz. Não gosta de cultura popular. Ele pensa que... que você bebe... que você... ou qualquer tipo de droga... O que você... você é condenado. Não, não, não sou contra, não é. A Blíbia está dizendo isso. Não tem. ( ) Eu fumo, fumo, fumo, mas meu coração é muito diferente.

RANAH: [00:17:43] Muito melhor do que quem não fuma!

PEDRO CORREIA: [00:17:47] O que vale é a pessoa. O amor... a maior arma... a maior arma que tem... A maior arma que o homem tem, é o amor: é isso é a arma que você tem... Você transforma. Mas você pom um crente, ou outro religioso, que não tem amor, mas não gosta de cultura popular, não gosta de cultura popular porque eles diz que é diabólico... Eu até aqui, até aqui o diabo não me apossou, até aqui o diabo me apossou de mim. O amor cada vez mais maior. Não, o diabo não tomou conta de mim, não... Não vou condenar ninguém para isso. E ele diz assim: "Olha, amanhã ficamos na igreja não é?" O interessante procê falá uma coisa - não que eu sou católico, não, sabe? da religião católica... existiu um frei, que o povo mandava muito dele... Frei Damião... Frei Damião. Ele morreu, deram uma cova pra ele lá em Pernambuco, pra se enterrarar. Hoje o cara para pregar a palavra tem mais de duzento.. não sei quantas mil cabeças de gado, porque... Isso é numa igreja... Os pastores têm cinquenta mil cabeças de gado, uma casa, uma mansão... e Frei Damião, que era um pregador da palavra, morreu pobre. Você vê muitos que é da igreja morre pobre, como Dorothy[9], morreu lá na Rua da Amazônia, mataram ela. Ela veio de outro país, para pregar a palavra, a verdade. Ela não precisava, mas ela queria pregar a palavra, a verdade. Não precisa ser um pastor, um padre. Não, não. É... é... tendo amor, a única coisa é ter amor... Não existe... não adianta eu estar na igreja rezando e fazendo tudo errado.

[9] Acreditamos que o M.e se refira à missionária Dorothy Stang.

DANIEL: [00:19:42] Mestre, você tem para vocês, tem essa preocupação de preparar as pessoas para dar continuidade à brincadeira? Tipo os mais novos, porque a gente vê que tem muita criança, mas tem essa preocupação assim, de falar para eles... a importância...

PEDRO CORREIA: [00:19:58] Falo... falo, sim... se eu quero levar ele pra ele, para primeiro ele ter essa visão, que é a cultura popular. A primeira coisa é que ele tem essa visão. Depois eu quero que ele faça como eu, estude. Faz outro benefício que a cultura popular... não é só o dançar, não é só o cortejo. Não é só dançar, não. É saber da história... Que muitos querem apenas – já falei para vocês – muitos estão classificando a cultura popular como diabólica, porque ele não conhece a realidade. Você quer conhecer? Olha, vejam o que eu apontei... Você não pode escrever um livro, na igreja, não pode ser poeta... Mas ele diz para mulé[10] no telefone "Meu amor! Você é a luz das estrelas, você é o amor da minha vida..." Ele que está sendo! Ele se torna poeta não ( ).

DANIEL, RANAH, FEDERICO: Ehehehehhe!

MESTRE PEDRO CORREIA: ( ) "Você é meu tesouro e você é meu tesouro!" "Você é a luz.. sei que lá..." Ele está sendo poeta! E ele não quer que ninguém seja poeta... E gente que hoje é das igreja, é um dos líder... e o povo também gosta disso, né? Onde faz isso que o povo gosta, né? Porque ninguém gosta de mim. Eu gosto de cultura popular. Que ensino a verdade. É verdade. Não estou aqui pra enganar. Não tenho riqueza, estão aqui naminha casa, é casa simpre[11], né?... na minha casa simpre... E vocês estão aqui, agradeço a vocês, de todo coração, porque se eu fosse um rico ou um pastor, um padre, eu não tava aqui, já tinha se acabado o que eu sou. Você tão aqui por causa da minha história, da minha pessoa, da minha personalidade. Mas se eu fosse pastor, você talvez tava em ôto canto, já tinha se acabado.

[10] Mulher.
[11] Simples.

DANIEL: [00:21:58] Mestre como é que é o andamento da brincadeira? A parte que começa, o meio ou fim... tem uma dramaturgia, um caminho? Se tipo, se tem um canto de cantar fora da cidade, da sala, que canta de chegada, como é que é essa estrutura?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:22:15] A estrutura, a primeira coisa é você pedir a música que vai vir ao público, né? As primeiras música para agradecer. E tem um meio que faz a parte da rainha Ginga, da luta. E o último é despedida, né? Que é mais quase-dobrado.

DANIEL: Se chama como?

MESTRE PEDRO CORREIA: Dobrado..., ele faz mais ou menos assim:

(*Cantando*)
"A Rainha Ginga me diz:
Alerta! Alerta! Alerta!
Alerta, acorda quem dorme!
Acorda acorda o sono,
e acorda acorda o sono,
a moça na janela para ver a despedida,
o soldado atirando nela.
Acorda quem está dormindo!
Venha ver o imperador!
Sentando no seu trono
venha ver o meu senhor!

Acorda quem está dormindo,
venha ver a madrugada!
Junto com o seu trono
do ministro rei e amada.
Saiu do mara pra terra de partida para Luanda
comendo mala metralha,
puxador da mesma fama.

Correu com a espada
para defender a bandeira,
cheguei na força maior,
eu vi tronco de trincheira.
Acorda quem está dormindo,
vem ver o imperador,
sentado no seu trono do ministro do rei senhor!"

E essa é a despedida. Já é despedida do fim, é o fim... É o meio é a parte da rainha Ginga e canta:

(*Cantando*)
"Rainha Ginga, mulé de batalha,
Tem duas cadeira, ao redor naváia[12].
Marchamo pra campo, vamo combater
pela nossa coroa devemo morrer!
Fogo e mais fogo, fogo até morrer."

Isso falando da rainha Ginga.. Isso é no meio. E a despedida e o início, né?

E agora o Natal a gente canta a música, louvando a Maria, né? Wue canta mais ou menos assim:

(*Cantando*)
"Mas viva a noite de Natal
no dia do nascimento!
Bendito és! Louvado seja!
Divino Sacramento!

Mas meu Divino Sacramento,
Filho da Virgem Maria,
viva a noite de Natal,
hoje mesmo, nesse dia!

[12] Navalha.

Minha Virge do Rosário do Rosário,
vamos cantar seu louvor, seu louvor,
vamos cantar seu louvor, seu louvor!
E cantam os anjos lá no céu, lá no céu,
na terra o pecador, pecador!
Na terra o pecador, pecador!"

Essa é em homenagem ao Natal. É uma das primeiras música que vamu cantar agora quando eu chamo pro Natal.

FEDERICO: [00:25:00] Já foi escrito o texto aí dos Congos? Alguém transcreveu?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:25:05] Ehehehehehe! Eu não sei... é uma coisa que... transcreveu, não sei... E cada Congo, como lá dele sabe, lá em São Gonçalo[13] é um pouco diferente, né? É um pouco diferente... ( ) E ele nem pode mandar da gente, e nem a gente pode mandar dele, que é do jeito que aprendemo... Porque antigamente não tinha telefone, não tinha nada... Ele viu e entregaram mensagem de boca a boca, entregando... e isso... Ah, toda a cultura popular ela existia por causa disso. Hoje em dia tem... tem a internet, o smartphone, tem o telefone, tem as mensagens. Mas antigamente não tinha! Ele... disseram coisas no um, disseram coisas no outro... e é bom é isso... essa coisa misturada. "Ô o Congo de Ponta Negra!", "Ô o Congo de S. Gonçalo!" "O de Ponta Negra já tive olhando..." E isso é bom, cada um tem sua postura, seu jeito de cantar...

Diga aí outra aí!

FEDERICO: [00:26:16] Tem outra aqui... Quais são os maiores obstáculos que o grupo está enfrentando agora? As maiores dificuldades...

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:26:26] Dificuldade... que os Congos está passando (e isso vem de muito tempo) é componente adequado. As cri-

[13] Referencia ao Mestre Gláucio Teixeira, mestre dos Congos de Combate de São Gonçalo de Amarante.

anças começa a dançar, aí quando chego assim, eu disse hoje: "Ei, pode cobrir?" Quando chegam assim a uma idade de catorze anos, não querem mái[14] não... aí... aí procê fazer tudo de novo... aí para o mestre... aí é muito difícil, é difícil... Você tem outro componente que não sabe dançar... é... preparar a história... porque, como eu falei para você: a juventude, ele quando chega a catorze anos, na sua adolescência, aí vem outro tipo de cultura. Aí o maior obstáculo é um desse, é arrumar componente que saiba... que saiba, não só dançar, cantar, mas que continue levando o barco também. Porque tem que pegar ele moço ainda, né? Porque essa história não e que você vai aprender com três semanas quatro semana, não, isso é um longo tempo, né? Um longo tempo, você vai construindo.

A nossa vida, você pensa que termina quando você não pode mais andar? Nosso pensamento trabalha, até morrer. Mesmo que você [esteja] enfermo, o seu pensamento está lá, trabalhando, qualquer trabalho... E a cultura popular também. Aí uma criança chega e começa a dançar. Dez ano... que ele já viu. Quando chega a catorze, quinze ano não [quer] mais, porque quer mais o tipo de cultura que ele conheceu... Aí aceita isso, aceita aquilo... Porque ( ) a cultura popular, ela não vai interferir que você goste de um samba, que você goste de um pagode, que você goste de um rap. Mas naquele dia, aquele dia, você tá preparado para apresentar a cultura popular. Não é todo dia que é a cultura popular... que ele sabe da história, como eu estou contando hoje... Aí não vai ter ninguém pra contar essa história, não vai ter ninguém... A preocupação é essa. É esse obstáculo.

Hoje tem um pagode ali, dance. Tem um carnaval, dance. Isso é cultura, isso é cultura. Mais quando for na véspera de Natal, eu estou na igreja cantando homenagem a Maria, ao Nascimento de Cristo. Isso é cultura popular... Depois de terminar eu vou lá, vou dançar meu rap, né? Você vê que na cultura popular... quando eu nasci não tinha rap, não tinha funk, não tinha, não, não tinha. Era nova pra mim, pra mim, nova pra mim... pra mim é nova, né? Porque não tinha... Também não me agradei muito não, sabe? ( ) Eu sou mais um forró... ( ) Pra eu pegar minha mulher dançando com ela... dançar um sambinha, por ali... Mas eu com funk, me desculpe, eheheh... eu não sou bem... Eu não sou nada... Mas é cultura, cada qual tem o seu gos-

[14] Mais.

to... Mas que eu não gostei, né? Não, de jeito nenhum! Agora, dançar um forró, uma dança que você sente o corpo da pessoa, quando você compartilha, quando você sente uma cultura... que é o forró, né? É muito gostoso, forró – pra mim! Que você está com sua mulé, sua namorada, ou alguém que ocê[15] gosta, se abraçando, e dividindo o seu calor com quem você ama... É demais! Agora, dançando com um pezinho pra cima, mãozinha pra cima, suando a noite todinha e tirando a roupa, mostrando o bumbum... Pessoal... peraí! É isso aí...

[Foto 04 - Chapeu de Mestre Pedro, no Morro do Careca, Vila de Ponta Negra - créditos: Davi Revoredo e projeto "Curta os Congos"]

RANAH, DANIEL, LETÍCIA, FEDERICO: Ehehehehhehe!

MESTRE PEDRO CORREIA: Ehehehehe! Isso... óia, isso... o Mestre Pedro não gosta não, né? Ehehehe! Mas... quem quiser faça isso – é muita gente...

DANIEL: [00:00:37] Mestre, quais são... quais são as datas normais que o Congo se apresenta?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:00:39] A data que o Congo vai se apresentar, às vezes passa em branco, é dia 8 de Outubro... O dia 8 de Outubro! É o Dia Nossa Senhora do Rosário: dia 8 de Outubro. A semana do Ro-

[15] Você.

sário. E a segunda é o festejo natalino.. festejo atéee véspera de Reis, que se apresentava. O Reis... O que chamei Reis, os Reis Magos, é também do Boi. É uma festa mais quente, mais pra dançar. E a semana do folclore, que é em Agosto também, em Agosto... Essas três é essencial, não é pra faltar... mas... a gente não somos dono da... Quer dizer, nós temos a verdade, mas nosso direito não temos. Viu? Nós temos a verdade, mas nosso direito não temos.

FEDERICO: [00:01:36] E Mestre, como mestre de... de um folguedo, quais são as maiores responsabilidades que você tem?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:01:43] Se quando você coloca lá... Aqui estou falando brincando também... Quando você coloca "o que é um mestre de um folguedo...", ele coloca a responsabilidade só para uma pessoa. Ele que vai chamar o grupo, ele quem vai tirar um dinheiro, ele quem prepara a roupa... É como uma mãe prepara o comer para toda a família. É a responsabilidade... O mestre é a assim... E não tem a pessoa, várias pessoas, trabalhando para isso. Ele que é o mestre, ele quem canta, ele quem sabe, ele quem faz tudo... é quem faz o almoço, a roupa é com ele, tudo é com ele. Ele é 100%. Não pode falhar. Ele tem... a responsabilidade é essa, é 100%. Se o mestre não for, o mestre, (já meu irmão muitas vezes não ia) eu ia, mas ia como meu irmão. E se alguém for hoje, ela será como um CD. (*Falando com Ranah*) Quando ela vai dar de gêmea? Eu sou ela, ela vai dançar, ela vai manca também, né? ( ). Quando ela passar a ser mestre, ela... ela vai ter toda responsabilidade com ela. Ela tornou-se mestre. Ela é quem vai chamar os componente, que vai, quem vai chamar a roupa, tudinho... tudinho... Aí é: Ranah – tudo é com ela. É ter responsabilidade. Não é porque é ela (*incompreensível*), é ter responsabilidade, e muito.

E precisa também que os componentes conheça a pessoa. Porque ai se vai ,um bocado de jovens... um bocado de joves saindo comigo para saber a minha personalidade. Porque bota em risco minha personalidade. "Ah, é com Mestre Pedro?" "Pode ir"!

Agora se alguém, como aconteceu alguma vez, no meu grupo alguém errou, ou foi punido, não foi? Porque pode estragar, existe sim. Existe uma frase muito bonita de exemplo, que diz assim "o mel mais doce, num

recipiente sujo, vai estragar tudo", né? Não pode. Então... Tem que me conhecer quem é eu, pra mim... Não é preciso ser rico. Precisa ter caráter primeiro, né? Personalidade. Não é ser rico, não, é personalidade... porque tem muitos que é rico por aí e não tem personalidade, nada. E isso não é comprado não, isso requere com tempo e com conhecimento: caráter.

RANAH: [00:04:24] A maioria dos meninos assistiram aquele documentário de Raquel, sobre os Congos?[16] Os que dançam assistiram?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:04:31] A gente assistiu, sim, assistiu... diga a el[a] que sempre que vai entrar agora –... agora vai entrar um... um bando deles disseram: "Olha, no Youtube!"... E vai entrar um, um rapazinho nessa rua que o pai dele pediu para colocar ele e vou preparar ele... Filho de Murilo, tava com Murilo ali no restaurante, aqui na Rua da Floresta... assim... o quiosque de Murilo... Aí falei com ele ontem, aí vai ser só um cortejo e três música. Mai antes de começar ensaiar essas músicas vou passar essa para alguém que sabe também no grupo, para ele não dançar muito, pouco, duas músicas só. Então tem essa, essa responsabilidade, né? Porque pra lá fora, pra você quando vem um cantor, um cantor que vem de fora (um cantor, nato mesmo, na cultura) tem que ter o diretor musical, tem que ter o diretor financeiro, tem que ter toda banda, tem que ter isso e aquilo. O cara vai só cantar. Não o mestre de cultura popular, ele é tudo, ele é tudo. Ele é... ele quem vai... Ele não pode nem ser o sal nem ser o açúcar. No meio, porque não pode. Ele tem responsabilidade.

DANIEL: [00:05:44] Mas se essas datas que o senhor falou, antigamente como é que era comemorada, que é quanto tempo durava essas festas, essas apresentações do Congo?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:05:55] É... veja bem, a igreja, ela abria de sete horas, porque antigamente ( ), já falei isso várias vezes, nós éra pobres (eh, pobre, não tinha muita coisa) – agora estou rico (à vista de antes).

[16] Documentário dirigido por Raquel Cardozo da Silva sobre os Congos de Calçola da Vila de Ponta Negra. https://www.youtube.com/watch?v=GYtktq7fjB0

O Natal. Quando começava o Natal, todos os grupo estava preparado já... tava todo mundo pronto com a sua roupa. Quando dava sete hora vão pra igreja, aí a véspera ia até onze hora, doze hora da noite, os grupo dançavam. Hoje na véspera de Natal é "Eu não vou porque tenho um jantar de família". Jantar de família. "Não vou não, não porque tenho um compromisso, tenho um jantar". Não, antigamente a noite não era assim, na comunidade. O jantar da gente era um pedaço de peixe, comia com farinha, um pão... era o jantar... e ia para em frente à igreja... o que alimentava a gente, era o Natal, a confraternização, era a comunidade: "Oi!! Tudo bem? Sua roupa nova!" (vestia o sapato) "Ô, parabéns, seu o sapato, hein?!?" ... Era a comunidade! Hoje, não, um se tranca numa casa... a partir de dez horas até as sete da manhã: a rua fica esquisita, a igreja fica esquisita... rsrsrsrsrs... Esquisito... Olhe, a rua está escura. Todo mundo nas suas casas. Antigamente não, a alegria era lá! "Oi pessoal, tudo bem/ Como é que tá? Mas então, tu comprou essa roupa aonde? Quem fez?" Assim... Era nóis mesmo! Era um, era um, era um pedaço de bolo preto, era um pedaço de bolo na calçada da igreja, era o cara vendendo uma bebida... Um ponche que (porque antigamente era ponche né?), ( ) Era de abacaxi...(um dia, quem sabe a gente vai tomar um ponche... eheheheh!) abacaxi, um suco, um caldo de cana... Esse é que era o jantar. O jantar era o povo! Hoje em dia não é mái, né? Fazê o quê.

DANIEL: [00:08:04] Mestre e essa festa que era em louvação em Outubro? Como é que era? Era em cortejo? Era na frente da igreja? Saia com imagem? Como é que era a questão da indumentária?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:08:18] A do Congo? Ele não tinha cortejo. Fui eu com uns vinte, trinta anos para cá. O que a igreja fazia, a igreja fazia ele (que agora falei com a Raquel, vou comprar o material), ele pegava as criança, ia fazer a procissão – a procissão... Ela mandou um Santo. E a gente ia na rua com um bocado de velinha acesa. Era o cortejo. E a Santa na frente... a Santa. E os mais velhos, né? E os mais velho, os mais velho carregando o andor. Nós que não podia porque era muito jovem, não podia carregar o andor. E a Santa lá. O cortejo é isso. Dos trinta anos para cá começou a ter cortejo, principalmente quando o Departamento de Artes, que era de

Natal, os "Encantos da Vila"[17], começou a fazer cortejo. Começou a fazer cortejo e pegou, né? Antigamente não tinha cortejo, mas lá em... lá em... Minas Gerais, o cortejo é muito bonito da Nossa Senhora do Rosário, e vai da igreja até a comunidade de Arturo. É muito bonito lá.

LETÍCIA: [00:09:26] Você falou que os cortejos começaram a vir há trinta anos, não. E antes, como é que se davam essas manifestações?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:09:33] Então aí tinha, digamos... Natal, agora...

Os Congos vai dançar, depois a Lapinha dança, depois o Coco dança – cada qual vai dançar a sua parte. Antes não tinha pagode, não tinha forró, não tinha funk... Era nóis mêmo, o funk era nóis!

RANAH, DANIEL, FEDERICO, LETÍCIA: Ehehehehehe!

MESTRE PEDRO CORREIA: O funk! Ehehheheheh! O funk era nóis, todo mundo batia palma... nóis que fazia a alegria do povo!

RANAH: [00:10:09] Aí todas elas, tanto dia 8 de Outubro, como...

MESTRE PEDRO CORREIA: Não, Natal era... era assim...

RANAH: [00:10:09] E a do dia 8 de Outubro?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:10:11] Dia 8 de Outubro a gente fazia a comemoração da Senhora do Rosário...

RANAH: Na igreja?

[17] Projeto de extensão da UFRN, coordenado pela Prof.a Teodora de Araújo Alves, de 2008 a 2011.

MESTRE PEDRO CORREIA: Não, a gente fazia uma latada, uma barraquinha – pertinho da minha casa aqui... aí fazia, a comemoração da Nossa Senhora do Rosário...

RANAH: Entendi...

MESTRE PEDRO CORREIA:… como de São Benedito também: fazia de palha, botava um lampião. Era assim... bem simples.

DANIEL: [00:10:37] Mas como é que é? Tinha uma imagem? Tinha um cortejo? Tinha músicas? Tinha danças?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:10:40] Não, não tinha imagem não, não tinha cortejo não... Tinha só a dança.. é a dança, só a dança. Você pegava uma barraquinha de palha, botava lampião. Aí os Congos iam dançar em comemoração à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito... Aí quando chegava dez horas, terminava...

LETÍCIA: Só os Congos dançavam?

MESTRE PEDRO CORREIA: E era a comemoração dos Congos, Nossa Senhora do Rosário

Mái na época do Natal, que era mais manifestação... era ( ) todos os grupos. Era uma alegria!Lá não tinha Graffity não... Nem sabia nem quem era Graffity... Lá era os Congos dançando na praça, lá... "Ah, para, agora bota o Pastoril!". Aí dança o Pastoril. Aí "Viva o Natal!", Viva o Natal!, "Feliz Natal!" Era bom demais!

LETÍCIA: E era os Congos, o Pastoril e quem mais?

MESTRE PEDRO CORREIA: A Lapinha, a Lapinha... O Coco.. O Coco só ia mais – e...

RANAH: … o Bambelô...

MESTRE PEDRO CORREIA: … o Bambelô – no Reis. Dia de Reis eles subia o morro, lá em cima... Eles dançava lá em comemoração aos três Reis Mago – numa hora dessa, um bucado de muleque subindo... Tem que subir o morro primeiro! O bicho chegava lá dançava na areia, pra gente vê... ( ) e lá dançava, pé descalço mêmo, como um escravo mêmo...

Aí tem o Morro do Reis, podem anotar o nome: Morro dos Reis. Qualquer dia vou levar vocês até lá pra conhecer... o Morro do Reis... tem umas falésia, você viu? É o Morro do Reis, já em comemoração aos Reis. Aí Natal foi se acabando... as história, mas em Ponta Negra ficou: o Morro do Reis.

Se perguntar assim a um pessoal: "Onde é que é o Morro do Reis?" O pessoal diz: "É lá! Depois daquele morro branco!" Morro do Reis... É o Morro do Reis. Ficou.. Porque brincavam, na véspera de Reis, dançavam lá, o Coco de roda, em comemoração dos Reis... E tinha o Boi também... o Bói...

DANIEL: Quem era mestre do Bói?

MESTRE PEDRO CORREIA: Já morreram tudo...

DANIEL: Aí quem eram?

MESTRE PEDRO CORREIA: Pedro[18]...

DANIEL: Antes de Pedro...

MESTRE PEDRO CORREIA: Antes do Pedro fazia um bucado de tempo que não tinha Bói...

E quem foi quem revitalizou o Bói foi o Joka[19]...

RANAH: Foi quem?

[18] Mestre Pedro de Lima.

[19] Joka Lima, nativo da Vila de Ponta Negra, incentivador cultural e dono do bar e restaurante Tapiocaria da Vó.

MESTRE PEDRO CORREIA:. Joka, Joka revitalizou, depois de muito tempo. Depois que morreu os Mestres passou muito tempo... ( ) Joka... Eles fizeram uma peça de teatro, chama *As Frega*...

RANAH: Sim, eu soube recentemente desse teatro!

MESTRE PEDRO CORREIA: É, é homem com mulé e mulé com homem... vestido.. Aí era um coisa que... muito bacana... No Natal também tinha, e no São João... No São João. *As Frega*... fazia aquela peça teatral na igreja... e era de Joká, né? A peça...

Aí vai outra, aí, para mim!

FEDERICO: [00:13:24] Mestre, quando você é chamado para apresentação, para uma palestra, qual é a contrapartida que você recebe normalmente?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:13:31] Olha, eu tive hoje, eu tive a semana lá no SESC, né? E eu falei aí, ai, Raquel falou "Pedro, vá! Vai ter... Davi[20] vai ter o 'Curta os Congos' lá". Aí o Davi na véspera: "Não posso ir não, tô doente". Ele vinha me pegar. Aí eu chamei Helena[21]. Helena ia ter uma reunião, a rainha. Aí eu chamei Grimaldi. Eu vou pegar o ônibus, vou agora mêmo... Foi. Lá pro SESC. Foi quarta-feira. Fui, peguei o ônibus, fui... o ônibus. Mas eu não deixei de ir não. Lá na universidade, eu vou de ônibus pra andar lá por dentro. A outra vez eu fui também, sem... tinha contrapartida não... pronto, eu fui assim mesmo... de graça, fui assim mesmo... foi... Agora só o ruim é andar andar por dentro ali que eu não sei de nada... Eu me perco ali dentro da universidade.

RANAH: Ehehehhe!

MESTRE PEDRO CORREIA: Posso me perder.

---

[20] Davi Revoredo é cineasta, foi assistente de direção no "Curta os Congos".

[21] A atual rainha Ginga dos Congos de Calçola.

FEDERICO: [00:14:23] Então, assim... normalmente não tem cachê...

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:14:25] Não tem não... Que eu me lembro... Só com interpretação mêmo. Nem todas, né? Porque fui agora para a universidade também, e a mulé chegou, ligou pra mim e falou (faz quatro mês, três mês...) para fazer uma apresentação lá.. o pessoal de dança... na aula de dança.. a dança que tinha lá... onde faz a dança, lá. Aí fomo lá.. eu conversei com ela e levei o Pastoril também... o Pastoril.

E ela chegou e disse pra mim assim: "E o carro?" Ela queria que eu fosse dançar, a apresentação, e ainda mais pagar o carro. Eu digo: "Pelo meno, pelo meno um carro, não quero dinheiro não... eu quero pelo meno um carro..." Ehehehhehe! Não só... não... ehehe! Ela queria que pagasse o carro! Aí eu disse a ela "Fale com Teodora,[22] pelo menos falar com o carro da universidade... Aí Teodora mandou o esposo dela. Sabe quem foi, ele?

RANAH: Não...

MESTRE PEDRO CORREIA: Eh, que foi sete pessoa de cada grupo. Aí dansemo lá para os alunos da companhia de dança lá. Mas me deram um "Ki-suko" mêmo, e um biscotinho, pim... tá bom demais... ehehehe!

DANIEL: Vira diabético, Mestre!

MESTRE PEDRO CORREIA: Ehehehehe... A minha boca ficou toda verméia[23]...

FEDERICO: [00:15:42] Então você vive da brincadeira, você vive e de...

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:15:47] É para quem gosta, e para quem gosta... Porque eu não vivo de brincadeira. Agora, se vier uma contrapartida, é bom demais, porque já sabe... Eu comprei um tênis (*incompreensível*), aquele é muito dinheiro... pago o tocador, que eu pago... Pergunta a ele,

[22] Prof.a Teodora de Araújo Alves, do DEART da UFRN – cf. acima nota 17.

[23] Vermelha.

está lá em cima, quanto é que pago para ele vir hoje trabalhar aqui, ele tá trabalhando. Ele canta comigo. Não quero nem dizer quanto eu pago de Extremoz pra cá. Ela sabe mais ou menos quanto é que eu pago. Eu não quero dizer pá não... É... E eu pago o tocador para vim[24], tocar. Porque se eu disser fica: "Não...", aí isso fica pra lá. Aí, quando é pago.. isso (*incompreensível*) dinheiro. Tem tênis, tem cinto, tem roupa que agora já tá toda perdida, ela viu.

RANAH: Mmm mmm...

MESTRE PEDRO CORREIA: Toda perdida a roupa. A mulé que fez. Estou sem bermuda pra dançar, sem camisa. Eu já fiz aquilo. Já não tem mais bermuda, estou esperando doze para bermuda branca... calça... (eu corto, né?)... calça branca. Aí tudo é dinheiro, porque o projeto da Prefeitura e da Fundação, quando tem um edital, quando tem a quatro grupo, é mais de cem grupo... Vou esperar pelo edital hein? Esperar? Não! Nós temo que viver também para ganhar alguma coisa. Já conhece? Agora, as moças me chamaram para ir pra universidade, até o carro queria que eu pagasse... Peraí!

FEDERICO: [00:17:25] E a confecção das roupas, é vocês mesmos que fazem ou é terceirizado?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:17:30] A gente manda uma costureira fazer... Agora eu... essa bermuda, eu vou gastar dinheiro pra enfeitar. Eu corto as calça, que ela para baixo do joelho. Abaixo que eu corto... A calça... não é um pano muito grosso, não... é todo branco. Eu agradeço. É 40, 40, 46. Não: 40, 42, 46. De 40 para lá... Doze. Eu estou falando aqui para quem quer doar doze parelha de calça branca, 40, 42, 46... Fico agradecido. E o resto, deixa comigo que ainda vou enfeitar ainda as bermuda ou a calça... Isso pra facilitar mais.

FEDERICO: [00:18:21] Vai mais?

[24] Vir.

MESTRE PEDRO CORREIA: Você quem sabe!

DANIEL: Ehehehehe!

FEDERICO: ( ) Queria perguntar qual é a sua relação com as instituições políticas aqui de Natal no que diz respeito à valorização da brincadeira, às políticas públicas, etc.

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:18:44] É, a política pública... Mas nunca foi política pública. É quando você tem audiência pública que coloca em prática... e Natal não está colocando a cultura popular... Terminou. Você sabe muito bem! Tem alguma política pública? Não tem. Não tem nenhuma política pública.

RANAH: [00:18:59] Tem, mas não existe...

MESTRE PEDRO CORREIA: É.. não tem! Agora nós somo mais filiado à FUNCARTE. Ela é quem colabora mais é a FUNCARTE. Dácio Galvão[25]... é administrado.. uma pessoa que quando ele puder ajudar, assim, fora, à parte... ele, ele tá mais presente com nois... Dárcio Galvão, da prefeitura... Mas da através da Fundação Zé Augusto, não existe nada.. não existe, nem a fundação existe mais... Um presídio é mais alegre do que a fundação de José Augusto!

RANAH, DANIEL, FEDERICO, LETÍCIA: [00:19:40] Eheheheh

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:19:52] É... eu converso com componentes... Dizer... o que antes a gente falou: o começo, e o meio... Às vezes só dá três música só: uma no começo e uma no meio e fim...

Lá em S. Gonçalo, né? Não é o Congo de São Gonçalo? Eu digo ao que dão um sinal pra mim, um sinal... Cê tá cantando e o cara "Termine!"... e tem que a música terminar... eu digo "Olha, antes de... falta dois minutos, você grita para mim que eu vou cantar a despedida.. pelo menos a despedida do público" "Não! Não é assim!" Ehehehe.

FEDERICO, DANIEL, RANAH, LETÍCIA: Ehehehehehehe!

MESTRE PEDRO CORREIA: É... que é difícil... não sorri não, porque é sério!

TODO MUNDO: Ehehheehehheeh!

MESTRE PEDRO CORREIA: Você tá entendendo como é? É a música de despedida e o cara: "Hey, terminou!" Não... não é por aí... não é por aí...

LETÍCIA: [00:20:40] E as brincadeiras hoje em dia estão durando quanto tempo, mais ou menos?

MESTRE PEDRO CORREIA:: [00:20:44] Meia... meia hora é suficiente.

LETÍCIA: Antigamente você sente que era mais tempo?

MESTRE PEDRO CORREIA: Dançava até quarenta minutos, quarenta...

LETÍCIA: Antigamente?

MESTRE PEDRO CORREIA: É, antigamente. Porque tinha a embaixada... Os Congo agora não tem mais a embaixada porque o povo entenda... O que que é a embaixada? É o reis atrás de matar o embaixador da rainha Ginga, ( )] porque o reis não briga. Aí ele manda o príncipe brigar com o embai-

xador. E o embaixador era mandado pela rainha Ginga. Porque isso era mais família, assim disseram... Porque houve uma conversa que a rainha Ginga parece que envenenou o irmão dela para tomar o poder, que ele vai ser morto... Daí começou a briga... e foi... ele morreu, ele foi morto... o príncipe lá de Angola, o reis... aí disseram que foi a rainha Ginga para matar... porque a rainha Ginga já era... trabalhava como embaixadora, lá.. e ela era contra o tráfico de escravo. Quando ela tomou o poder então tem o enredo, aí tem a guerra dum cordão com o outro, guerreando... aí durava mais tempo... hoje – como não tem mais essa guerra mais, é mais a dança, histórica, aí diminuiu para mais ou menos vinte minutos.

FEDERICO: [00:22:11] Então tinha... como é que era essa parte da guerra?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:22:14] A guerra aí... é porque o povo, o público, ele não vai entender... Porque tem meu sobrinho, eu falei que ele sabe. O embaixador fala, o rei responde... e tem o início assim:

(*Cantando*)
"Mas licença peço, senhores,
que eu venho com embaixada,
para o reis Henrique Escariongo
para o reis Henrique Escariongo."

Tem essa, essa parte teatral. E aí o rei já diz assim, ô.. assim:

"(*incompreensível*) não sou Cupido
já arrebentei vários milhões,
já defendi o rei de (*incompreensível*)
e o Ministro Escariongo."

E aí começam a lutar... começam a lutar.. tem esta parte teatral... aí durava mais.

[Foto 05 - Grupo dos Congos de Calçola dançando no Morro do Careca - créditos: Davi Revoredo e projeto "Curta os Congos"]

FEDERICO: [00:23:06] E a relação que você tem com a instituição da universidade e com professores, alunos é tal... Como é que foi durante esses anos?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:23:16] Olha, a relação foi muito boa. Eles chamam, ele vêm aqui, sabe? E nós temos aqui para... para manter mêmo... É muito bom quando alguém chega, um pesquisador da universidade. Teodora também é outra parceira, ela chama. E fizemo vários desfiles dentro da universidade. Desfile fizemo, com os grupo, lá...

Antigamente... como... que o governo agora tirou muito dinheiro, você sabe, da Federal, da Universidade... mas sempre nós ia para universidade desfilar... dentro da reitoria por ali, fazia o cortejo, de vários grupos... Teodora estava na frente... E quando me chamam também pra... como estou foi com vocês, aqui, que me chamam lá para palestra... eu vou lá... se dá muito bem... é muito bom quando outra pessoa, que ele está com vontade de aprender a história da cultura popular... e também aquele que faz o turismo, sempre me procuram, porque o turismo, ele quer saber qual é história... o turista, quando chega... Aí: "Não mái um camarão lá, tem uma lagosta..." Os turista quer saber mais disso não... quer saber da história de Natal, rapái! Quer saber da cultura popular! "Não, mái tem um peixe muito bom alí, uma cioba... tem umas ostra alí..."

RANAH: "… uma ginga..."

MESTRE PEDRO CORREIA: "Tem um cajueiro de Pirangi... o cajueiro..." Mas quer saber do cajueiro, rapaz?!? "Tem um búgry, tem cíclo lá..." O cara quer saber da cultura, daqui, do que diabo é! O que que tem! "Não mas tem um …ciclo nas duna..." "Eu quero saber disso, rapái?!? Eu quero a história da sua cidade!" É isso que está faltando... qual é a história da sua cidade... E quando alguém vem aqui atrás, eu digo: "Pronto, ô aqui uma pessoa que gosta de contar história como eu."

DANIEL: [00:25:11] Mestre, o senhor tem... Mestre Gláucio sempre fala que um dos últimos desejo do avô dele era ver um Congo só feito por criança. Era o maior desejo da vida dele, que ele faleceu e não conseguiu realizar. E pro sinhô, qual o grande desejo que você tem para fazer em vida ainda?

MESTRE PEDRO CORREIA: [00:25:32] Já temo, já temo! Os Congo já tivemo... Passemo mais de vinte ano com os Conghuinho. Foi assim: os Conguinho, que a escola S. José (bem pequenininha alí!)... Aí a Prof.a Silvana[26], que era de... de arte, ela fez os Conguinho. Aí meu pai, assim que começou, morreu. Meu irmão ficou mais dez ano com ele. Depois da morte do meu irmão quem ficou fui eu. Todo sábado numa hora dessa ia ensinar. Todo sábado numa hora dessa, todo sábado... Só de menino... eles dançava era uma alegria pra ele. Aí o que eu fazia? Colocava quatro adultos com eles. Levava vinte menino (é uma zuada tão grande, uma zuada...) só eu e Silvana... para tomar conta de menino, é diferente... de criança é responsabilidade... Aí fomo dançar vária vezes por aí, no Bosque do Namorado[27], dançá na SEMURB com as criança... chegava aqui dez hora, tinha um carro para levar eles para a casa... porque era de menor... porque a responsabilidade é demais... E a gente vê... mái ainda, ainda tem roupa deles aí, ô!

[26] Prof.a Silvana Maria, professora de artes da Escola Municipal São José, da Vila de Ponta Negra, coordenadora dos Conguinhos.

[27] O Bosque dos Namorados é uma área do Parque das Dunas, em Natal, onde acontecem shows e eventos culturais.

DANIEL: Mas qual é seu sonho mesmo, assim, o sonho que você tem para realizar nos Congos ainda?

MESTRE PEDRO CORREIA: O meu sonho, o maior que eu tenho, era levar a história para as escola pública... a história não só dos Congo, mas toda a cultura popular do Rio Grande do Norte... levar pra escola... dar o início... Aqueles que querem! É como você vai pra uma... pra uma... "Oi mamãe" – a criança – "quero dançar o balé." Não é todo mundo que quer dançar balé! Não é todo mundo! "Quero ser ator... ator, atriz..." Era um projeto... a prefeitura deveria dar um decreto de leis, nas escola pública, com o governo de estado, junto com a prefeitura, qual é o aluno que quer – e já falei com Nathy[28] "Pelo meno..." Nathy colocou, "colocar lá, em S. Gonçalo, colocar a história na escola em toda a prefeitura de S. Gonçalo. Aqui, ô: "Isso aí é os Congo, aqui é o Bói..." "O que é isso?" Aí você vai vê um... esse calendário que sai muito agora, esse calendário do final do ano... oia, vê uma foto de um gato, de um cachorro, à vez de um homem, de um baú, e não vê um homem barbudo e num vê um... um grupo folclórico... "O que é isso aí?" "É um grupo folclórico. É um grupo". "E ele existe?" "Existe! Tá aí porque existe!" Nós não tamo vendo um mundo de mentira... Não não tamo diante de suposições... ele é realidade, é real, existe! Agora: não procuram... A escola é para ter o início da escola alí... cada escola prantar[29] a sua semente... a sementinha... isto é educação. Hoje a violência – fala a violência, como está hoje... a violência hoje... porque as escola não são como antigamente. É porque os aluno têm que entender desde pequeno a cultura, a arte, para quando chegar a dezoito ano: "Olha, estou preparado. O que eu fizer, me responsabilizo." E óia.. me responsabilizo. Hoje o aluno de doze anos ele não sabe nem quais são seus direitos... seus deveres não. Em vários países, especialmente no Brasil.

Tem muito país lá com a criança de... um adolescente de dez anos, pensa muito mais do que um adulto aqui no Brasil. Por que? Porque ele teve a educação. A cultura começa na sala de aula. Muitas veze o pai... o pai, ele

[28] Nathy Passos é promotora cultural na Vila de Ponta Negra, desenvolveu varios projetos na Vila de Ponta Negra e idealizou o grupo "Cores da Vila".

[29] Plantar.

é responsável pelo seu filho, mas ele não está apropriado para educar aquele tipo de educação. "Você quer ser o que, quer ser um médico?" O pai: "Não... eu não sei nada de medicina.. só sei atividade de pedreiro. Manda para a escola que lá eles sabe." Uma escola, é... Você viu que o Brasíl ( ) nos jogos olímpicos... O Brasil, sete medalhas de ouro... Por que? Tem países aí: quarenta, cinquenta... Porque preparou aquele público, aquela criança preparou. É com a educação que é preparada... da educação de criança, no ensino fundamental... Quando você passar, quando chegar depois de dezoito ano, ah... difícil recuperar! Você viu, quando se perde uma criança de quinze anos para recuperar é difícil. É melhor recuperar agora, e cobrar dele mais tarde. A mesma coisa é a cultura: não vamo pegar um rapaz de dezoit ano agora, sendo criado sem saber dançar o Pastoril, a Moça, claro que ele não vai... Tem que começar desde criança, para ela ter conhecimento... E óia, é você dizer assim: "Olha, desde que (eu como eu) desde que eu nasci dentro da cultura, dentro de um conhecimento... Mas se fói começar de trinta anos, assim... Olhe, não dá... Eu vou lutar muito mais... porque é o tempo..."

FEDERICO: Tem que ter uma vivência... não é uma coisa de um dia para outro, né?

MESTRE PEDRO CORREIA: É, vivência... É! Não pode de um dia para outro. É como com a violência: "Ô, isso não vai pegar assim... Olha, você já perdeu seu filho para isso... Já perdeu sua filha para isso... já está perdido, já..." Se recuperar é mais difícil, a recuperação... é uma recuperação difícil. Vamos fazer o possível... mái não é como você parar uma criança, um adolescente que está com cê muito... E aí você é mais fácil de chegar: "Olha, cultura é isso." Como é que vivíamos aqui, eu falei procês, anterior, não tinha briga, não tinha guerra, não tinha nada e tinha a cultura popular dentro da gente! É! Ocês estão aqui hoje? Que coisa boa que vocês estão aqui hoje... falando comigo... Pouquíssimas pessoa tem cinco pessoa. Mas tá muito bom. Por que? Porque nós já tamo representando cinco milhões de pessoa: cada um de vocês, um milhão de pessoas representando.

FEDERICO: [00:01:23] E você está dizendo que a cultura popular também é algo que educa as pessoas a serem pessoas boas...

MESTRE PEDRO CORREIA: Boa! É diferente! É diferente! Educação...

FEDERICO: [00:01:32] …então, não é apenas um conhecimento específico, mas é uma educação para a cidadania, para a vida, para o respeito, para...

MESTRE PEDRO CORREIA: Ólha, eu vou contar uma coisa para vocês que eu tive lá no (nem sei como é que se chama), lá no pessoal da faculdade de enfermagem, onde eu vou falar uma coisa. Quando eu tinha catorze ano para... catorze, quinze ano, teve uma prima minha que ela já é casada e... se formou-se em letra. (Isso é uma história que estou contando procês andar no tempo). Aí minha tia, né? só tinha ela e minha tia, meus irmãos, minha irmã não queria ir porque sabia que minha minha prima era... ela tinha... sabe? Aí minha irmã, aí minha tia "Você vai, Pedro, para essa festa? À casa de...?" "Vou!" Aí eu peguei minha calcinha bem simplesinha, uma camisinha. Fui logo cedo pra formatura da minha... da minha prima. Cheguei lá, me sentei e comecei a (ocê tá entendendo)... Me sentei no banco. Eu cheguei cedo (eu cheguei de oito hora, eu lembro...) foi enchendo a gente às nove hora, tudo de paletó, de gravata pra formatura e eu sentado lá. As minha tia davam um pastel e um refrigerante. Eu tomava... E o pessoal dizia assim "Olhe," (conversando, né? Doutorado...)"e seu filho? "Ah, porque hoje ele é desembargador", "Meu filho hoje é um herói de guerra", "Hoje meu filho é médico"... E eu lá, sem conversar com ningué, porque não tinha ninguém que falasse comigo nessa festa. Aí quando minha tia deu que voltou, eu saí, porque não era um povo meu... não era um povo meu. A palavra deles era diferente da minha. É uma coisa mais popular. Muito se orgulham de dizer assim: "Olha, eu moro de condomínio fechado, meu vizinho é um promotor, hoje é um delegado, um jogador de futebol..." Não! Meus vizinho, ocês estão estão aqui, é uma lavadeira de roupa, meu vizinho é um pescador, meu vizinho é agricultor, aquele que me serve todo dia. A cultura popular é quem serve ao outro. Quando eu preciso de um pouco de sal, eles estão ali perto de mim. Quando eu dizer "Olha, me acuda, me leve pra hospital!" eles estão perto de

mim. Enquanto condomínio fechado, ocê não sabe nem quem é o vizinho. Eu estou dizendo isso, eu sempre falo: num condomínio fechado, tudo são doutorado, mái não tem a palavra que eu tenho. Não tem o que eu gosto, não é? A popularidade! E o portão tá aí, ô, a rua dá procê ver aqui. É isso. Eu tenho muito orgulho dos meus vizinho quem é. Porque na hora que eu mais preciso dele, ele está aqui perto de mim. Não adianta eu morar num condomínio fechado, que tem isso e aquilo, e que o povo não me conhece, como eu não fui conhecido durante uma festa, só tinha doutorado. Não era pra mim essa festa. A festa para mim era onde tinha um pescador, um agricultor, uma lavandera, uma costureira, uma empregada doméstica, que tinha minhas palavras. Esse sim, que é meu povo, e me orgulho por isso.

[Foto 06 - Mestre Pedro Correia, com o por do sol sobre a Vila de Ponta Negra no fundo - créditos: Davi Revoredo e projeto “Curta os Congos”]

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.